

Uma leitura da comunicação urbana: as bancas de jornal na paisagem da cidade¹

Claudia Graça da Fonseca ²
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

No texto a autora reflete sobre relações comunicativas que são constitutivas da cidade. A idéia é pensar algumas formas ordinárias da comunicação que se processam no espaços das ruas da cidade e que contribuem para a constituição e o reconhecimento dos lugares urbanos. Para realizar esta discussão propõe-se o uso das noções de paisagem e ambiência comunicacional como caminhos possíveis de discussão da discussão entre comunicação e espaço urbano. O material empírico que serviu de base à discussão foi coletado a partir da observação da comunicação entre pessoas comuns em torno das bancas de jornal e revista localizadas no chamado Hipercentro da cidade de Belo Horizonte.

Palavras-chave

Comunicação e espaço urbano
Territórios Urbanos
Interações Comunicativas

Este artigo tem como objetivo discutir as relações entre comunicação e espaço urbano contemporâneos e deriva de reflexões desenvolvidas na minha tese de doutorado “ A cidade em comunicação: conversas, paisagens e derivas pelo Centro de BH“ e no trabalho que desenvolvo junto ao projeto “Cartografias Urbanas”³. O estudo foi realizado a partir da observação das relações entre pessoas comuns que acontecem no espaço público que são as ruas da área central de uma grande cidade contemporânea. O propósito era pensar de que maneira a comunicação que acontece nas ruas de uma cidade é marcada pelos modos de viver o tempo e o espaço urbanos e marca, por sua vez, tais processos.

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação e Culturas Urbanas, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² – Doutora em Comunicação Social, Jornalista do Departamento de Comunicação Social da UFMG e pesquisadora do Centro de Convergência de Novas Mídias – CCNM/UFMG

³ O Projeto Cartografias Urbanas é ligado ao Centro de convergência de Novas Mídias da UFMG e coordenado pela professora Regina Helena Alves da Silva. A preocupação central do “Cartografias” é registrar e estudar as múltiplas formas de convívio social, que acontecem no espaço comum a todos que são as ruas de uma grande cidade e cartografar os diversos sentidos atribuídos aos espaços pelos sujeitos que os habitam, trabalham neles, fazem compras, freqüentam ou apenas passam por ele.

Para realizar esta discussão partiu-se de um ponto de vista que considera tempo e espaço em sua dimensão de produções humanas. Massey afirma que:

"... sólo la interacción puede producir cambios (creatividad) y, por consiguiente, tiempo. *No obstante* la posibilidad de interacción depende de la existencia previa de la multiplicidad (debe haber más de una entidad para que la interacción sea posible: la forma pura de la argumentación consiste, por supuesto, en que la interacción en sí es parte integral de la producción de las entidades). De modo que: para que haya tiempo debe haber interacción; para que haya interacción debe haber multiplicidad; para que haya multiplicidad debe haber espacio." (MASSEY:2005,113)

A comunicação foi abordada como uma prática social, através da qual tempo e espaço são apropriados coletivamente. A cidade ou o urbano, como prefere Lefebvre, foi estudada a partir das interações coletivas que se processam na cidade de Belo Horizonte, mais especificamente através das relações cotidianas de seus habitantes em torno das bancas de jornais e revistas no chamado Hipercentro⁴ da cidade.

Canevacci fala em uma cidade polifônica, expressão de muitas vozes. Se retomamos a idéia de polifonia como é expressa por Bakhtin, podemos dizer que a cidade como obra de linguagem é expressão das muitas vozes e relações sociais que a configuram. Mesmo o que é expresso por um indivíduo para outro insere-se na relação social estabelecida entre eles. Uma voz é polifônica por acontecer em meio às relações de um coletivo. Na cidade tudo é necessariamente polifonia, tudo expressa uma imensa obra coletiva.

Cidade como obra coletiva toma emprestada a idéia de Lefebvre(1969), quando este fala da complexidade e das descontinuidades do urbano. A cidade mesmo a cidade capitalista não pode prescindir desta dimensão de obra. O fato dela (a cidade capitalista) orientar sua constituição na direção do dinheiro, da mercadoria – valor de troca- não elimina a sua dimensão de obra- valor de uso. O uso principal da cidade que a constrói simbolicamente, o uso de suas ruas, monumentos é a festa e o encontro – que consomem improdutivamente. Esta é uma das razões que o fazem ressaltar que o urbano é uma realidade contraditória.

“cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma real revalorização do cidade”.(Idem,12)

⁴ Área do município definida administrativamente que corresponde ao centro histórico da cidade.

No espaço urbano, se exercem estes conflitos entre a mercadoria e a vida social que escapa a ela. Há um avanço na mercantilização dos espaços públicos, os lugares e os monumentos tendem a tornar-se lugares de consumo. No entanto, a dimensão de obra coletiva – valor de uso - não desaparece, “o núcleo urbano (parte essencial da imagem e do conceito de cidade) está rachando e, no entanto, consegue se manter”. A dimensão de obra coletiva da cidade precisa sobreviver, mesmo que o avanço da mercadoria e do consumo não cesse.

A intenção do trabalho é portanto conhecer e estudar esta dimensão e entender como a comunicação que se processa entre as pessoas comuns nas ruas contribui para a construção de uma cidade como obra coletiva.

Para isso torna-se necessário esclarecer a nossa forma de abordar o espaço urbano e que liga as origens desta reflexão ao Projeto Cartografias Urbanas. Nesta concepção, o espaço configura-se – enquanto elemento comum a todos os grupos que nele se fixam e dele se apropriam – como possibilidade para múltiplas apropriações, palco de tensionamentos e disputas constantes. Ao ser atravessado por forças diversas pode ser abordado como uma pluralidade complexa e interativa de territorialidades. Territorialidades são entendidas como o processo de tomar o espaço para si, em processos de produção e atribuição de sentidos:

“...a terra é a grande estase inengendrada, o elemento superior à produção que condiciona a apropriação e a utilização comuns do solo. Ela é a superfície sobre a qual se inscreve todo o processo da produção, registram-se os objetos, os meios e as forças de trabalho, distribuem-se os agentes e os produtos”. (DELEUZE e GUATTARI, 1976, 179)

Os movimentos de territorialização observados na cidade configuram-se como ações que conformam territórios de acordo com os interesses de sujeitos ou grupos, movimentos que podem se estabelecer ao mesmo tempo, no mesmo lugar. A apropriação do espaço acontece em um movimento dinâmico e relacional, onde alguns usos, ocupações, discursos, práticas e rituais já estão dados, estabelecendo limites e possibilidades para a ação dos homens. No entanto, tudo isto precisa ser aceito e assimilado e pode igualmente ser rejeitado ou desconsiderado. Nos processos de uso do espaço as

configurações, codificações e legislações que regem um espaço estão no movimento que é próprio da vida coletiva. Desse modo, um lugar se faz, se constrói, a partir de diferentes processos individuais e coletivos. Os homens em interação fazem movimentos de territorialização e desterritorialização diversos: um mesmo espaço pode comportar significações distintas e mesmo contraditórias. Na cidade contemporânea, a característica da mobilidade é compartilhada por indivíduos e territórios.

Ao caminharem pelas ruas os transeuntes, realizam uma primeira forma de apropriação do espaço, aquilo que Certeau chamou de retórica ambulante. Nelas os passantes elegem os atalhos, os desvios as paradas, os elementos significativos do percurso: um comércio, um encontro, uma banca de jornais, um serviço. Andando, enunciam sua forma de viver o lugar, na qual emergem suas escolhas e as possibilidades que a cidade oferece.

Ao mesmo tempo não se trata apenas de dizer a cidade. A cidade é ativa nesta interação, ela molda esta retórica. Não só ao oferecer suas possibilidades enunciativas, mas ao impor ao “falante” seus acidentes, acontecimentos, seus ritmos, suas espacialidades. Uma afetação mútua: a cidade ao ser vivida é territorializada pelos homens. Seus lugares nascem, adquirem significados, entram em decadência e morrem sob a ação humana. Ao mesmo tempo tem o poder de cercar, regular, moldar, falar através de seus objetos e acontecimentos e regulações. A cidade, este conjunto complexo de edifícios, objetos e regulações também territorializa os homens. A comunicação enquanto prática social na qual se materializam estes movimentos torna-se caminho para investigação destes fenômenos efêmeros.

Uma cidade em comunicação: o ponto de vista ordinário

Para trabalhar o papel da comunicação na construção da cidade coletiva trabalhamos com algumas noções que pretendem relacionar a comunicação e espaço, tentando perceber como os diversos espaços urbanos são marcados pela comunicação que acontece neles cotidianamente. São elas as idéias de paisagem e ambiência comunicacional.

O Hipercentro, nosso objeto empírico, e suas configurações espaciais são reconhecíveis pela grande maioria da população da cidade. As relações que os seus diversos espaços suscitam são inúmeras e nenhuma classificação por mais completa que seja parece dar conta da variedade e multiplicidade que são as suas características mais marcantes. A proposta de se pensar uma aproximação através do ponto de vista de quem usa suas ruas resulta em algumas possibilidades de conexões que são disponíveis e que constroem aquilo que chamamos de paisagens comunicacionais. Estas paisagens em geral são definidas em torno de atratores que, sem ter o poder de homeogenizar os espaços, exercem uma influência sobre o seu entorno, diminuem a fragmentação, cruzando os diversos significados que são produzidos no cotidiano dos lugares. Estes atratores podem ser equipamentos de uso coletivo, praças, parques, concentrações de comércio, áreas residenciais, que articulados com o que acontece nos espaços públicos ao seu redor, adquirem ao longo do tempo significações mais estáveis.

Num primeiro olhar algumas áreas do Hipercentro podem ser tomadas como conjuntos, com uma legibilidade própria, que não são fruto da homogeneidade das suas funções espaciais, que em geral são variadíssimas, mas que resultam da percepção e das trocas coletivas que se processam no seu espaço público. Num espaço como o Hipercentro, os lugares e suas possibilidades de significação são fruto da interação entre o espaço público e o privado.

A idéia de paisagem definidas do ponto de vista comunicacional foi construída a partir da análise dos cadernos de campo e das fotografias que foram duas das formas de registro feitos durante a pesquisa de campo. A partir dos relatos e das imagens destacamos as formas de interação que foram registradas nas diversas áreas do local. Desta análise foram surgindo alguns conjuntos de lugares, que guardavam conexões nas formas dos usos de seus espaços públicos e nas interações que aconteciam nas suas ruas. A idéia de se pensar a paisagem por um viés comunicacional tem como objetivo analisar os aspectos relacionais que traduzem a experiência de sujeitos comuns em relação ao espaço.

Uma paisagem é vista aqui como resultante dos diversos significados circulantes nela e até fora dela. Nela se cruzam diversos processos que dizem respeito às regulações, aos acontecimentos, à memória, à história de um lugar . Assim uma paisagem do ponto de vista comunicacional é composta de edifícios, ruas, marcas e signos impressos neles e também pelo material simbólico que circula nela e sobre ela. Uma paisagem compõe-se da experiência dos homens que a frequentam, que já frequentaram e daqueles que se relacionam com ela. Os usos cotidianos do espaço seriam a porta de entrada para o estudo da configuração de uma paisagem.

Uma segunda noção é a de ambiência comunicacional. A ambiência pensada por um viés comunicacional engloba todos os estímulos que um determinado lugar da cidade oferece e recebe dos sujeitos que a frequentam. Ela se situa numa paisagem e portanto é marcada por este fator, ao mesmo tempo que pode influenciá-la . Uma ambiência é constituída pelos estímulos do mobiliário urbano, sons, placas que afetam os sujeitos que passam por ali, tenham eles consciência ou não desta afetação. Ao mesmo tempo as ambiências são suscetíveis às marcas intencionais ou não que os sujeitos imprimem nelas. A ambiência urbana resulta uma atmosfera própria dos lugares o que remete à etimologia da palavra – (*ambiance* em francês = atmosfera que envolve pessoa ou coisa)⁵. Na arquitetura a ambiência tem um sentido de intencionalidade, é um arranjo do espaço criado para criar um meio físico e estético. Numa perspectiva comunicacional, entendemos ambiência como a atmosfera criada a partir da interação dos homens com o espaço e os objetos urbanos. A ambiência forma-se numa paisagem urbana, afeta e é afetada por ela.

As bancas de jornais e revistas, por exemplo, são um objetos urbanos, assim como o pontos de embarque e desembarque de ônibus. Localizam-se nas diversas paisagens urbanas e são potencialmente geradores do que chamamos de ambiência comunicacional. Ao se situarem em meio ao fluxo de pessoas na calçada, estes objetos ensejam a parada, o encontro e potencializam a comunicação. Em torno deles a cidade transfigura-se, ainda que efemeramente, na maioria das vezes. No, entanto são estas pequenas situações comunicativas que englobam ações humanas, edificações, regulações, objetos que constituem os lugares da cidade.

⁵ Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

A banca como atrator

As bancas de jornal e revista espalhadas pelas calçadas compõem o cenário urbano de Belo Horizonte há muitas décadas. Os primórdios da atividade na cidade estão nos anos 1920, década que segundo os estudiosos é marco do surgimento da imprensa moderna na capital, com a criação de alguns jornais que inauguram uma nova forma de jornalismo e de relação com a vida da cidade. (CASTRO in:LINHARES,1995).

Em Belo Horizonte, elas são, junto com as bancas de flores, as atividades comerciais fixas permitidas nos logradouros públicos e reguladas pelo Código de Posturas do Município⁶.

Um dos primeiros aspectos que chama a atenção de quem observa uma banca de jornais e revistas na rua é que ela instaura e enseja possibilidades de se interromper o fluxo contínuo dos transeuntes sobre calçada. Neste sentido trabalhamos a banca como atrator na concepção geométrica do termo: um ponto no espaço para o qual todos os caminhos tendem a convergir. Isto acontece não só porque ela ocupa parte da calçada, mas porque ela é uma espécie de vitrine das novidades, estas milhares de fragmentos de narrativas, que cotidianamente garantem a nossa entrada no tempo presente.

Em seu texto sobre a multidão e o público, Gabriel Tarde fala da paixão pela atualidade como um vínculo que une homens dispersos que lêem um mesmo jornal. Segundo ele, "Esse vínculo é, juntamente com a simultaneidade de sua convicção ou de sua paixão, a consciência que cada um deles possui de que essa idéia ou essa vontade é partilhada no mesmo momento por um grande número de homens."(Tarde:2005, 8)

O autor, no entanto, apresenta uma questão sobre o vínculo que a atualidade cria entre os homens. Ele se interroga sobre o súbito desgosto de que é tomado um leitor que se descobre lendo um jornal velho. "Os fatos relatados perderam seu interesse intrínseco?", pergunta-se. Não, mas o fato de termos a consciência de sermos os únicos a lê-los naquele momento basta para diminuir o interesse. Para Tarde "tal fato prova que, pois

⁶ Lei Nº 8.616, de 14 de julho 2003.

que a nossa viva curiosidade prendia-se à ilusão inconsciente de que nosso sentimento nos era comum a um grande número de espíritos.” (Tarde:2005, 7)

Para Tarde, o que dá atualidade ao acontecimento não é ter acabado de acontecer, mas sim o fato de interessar a todos naquele momento, mesmo que se trate de algo passado há muito tempo. Segundo ele, a atualidade compartilhada torna-se mais importante à medida que progride um tipo de sociabilidade cujas origens estão na vida urbana; um tipo de experiência que advém da intensidade do contato social que a grande cidade proporciona. A atualidade ao ser capaz de criar vínculos entre homens dispersos no espaço é vital para a constituição da vida em comum numa grande cidade.

Ao reunir no espaço urbano uma série de dispositivos que possibilitam o acesso à atualidade, a banca de jornais conforma-se como um objeto na rua que alia a presença no espaço e a partilha de um tempo com os outros homens. A banca reúne os homens presentes no espaço com outros que estão distantes, ao abrir a possibilidade de fazer chegar a eles simultaneamente os mesmos fragmentos da vida atual. No mundo contemporâneo, a banca não é única a fazer este papel; outros dispositivos como a televisão e a Internet fazem esta ligação de maneira mais eficaz, ou pelo menos, mais veloz. A singularidade da banca está no fato dela se localizar na rua. Ao instituir-se como uma ambiência comunicacional na paisagem urbana, ela faz acontecer de forma peculiar uma articulação entre tempo este tempo da atualidade e o espaço urbano. Ela faz com que os homens compartilhem o espaço e, simultaneamente, um tempo dos acontecimentos atuais.

A importância disto não é pequena. Nas ruas de uma grande metrópole, as relações com o espaço e com o tempo são sempre tensas. O espaço é fragmentado, instável, regulado e povoado pela diferença, e as relações de pertencimento ao território não estão dadas. O espaço público é simultaneamente comum, de todos, e de ninguém. O pertencimento não está assegurado e os movimentos de apropriação tendem a se configurar em disputa. Participar da atualidade, participar de uma conversa que se renova cotidianamente é um dos caminhos para que se estabeleça laços, ainda que tênues, de pertencimento à metrópole. Abre-se uma fresta para a participação nos acontecimentos da cidade.

Esta participação incipiente é fundamental para a vida urbana. Como já dissemos anteriormente num espaço como o Hipercentro, a diversidade dos atores, a multiplicidade de possibilidades, o encontro com o anônimo, a instabilidade do pertencimento ao território, o ritmo frenético das mudanças na paisagem - características de uma metrópole contemporânea – estão mais evidentes. Participar desta comunicação urbana é entrar no vida urbana, é entrar nos movimentos que dão vida e significação aos lugares, e também nos movimentos que os desfazem logo em seguida, seja pela superposição de sentidos, pelo apagamento das memórias ou simplesmente pelo transcorrer dos turnos do dia e noite.

Os movimentos constantes de territorialização e desterritorialização marcam o espaço urbano central de Belo Horizonte e criam fronteiras: aqui é o interior e lá o exterior. Qualquer um pode se tornar um estranho. Para usar uma metáfora já conhecida, no espaço urbano qualquer um pode ser estrangeiro, mesmo quem nasceu na cidade. Em primeiro lugar, as coisas mudam vertiginosamente. O que está num lugar hoje e é referência para pessoas ou grupos criado pode desaparecer subitamente. Mesmo a solidez dos edifícios se provou enganosa. A paisagem pode mudar rapidamente. Na calçada, no asfalto, não se criam raízes. A duração não se mede em décadas: são regularidades e irregularidades, a cidade pulsa.

Quem não é estrangeiro de dia, pode ser à noite. O espaço pode se tornar estranho e não reconhecível rapidamente. O transeunte ao se deslocar, ação que ele incansavelmente não deixa de praticar, tem sempre a sua condição de pertencimento ao lugar colocada em questão. Isaac Joseph chama a atenção para o fato de que o estrangeiro é a figura do homem urbano não só porque as cidades recebem migrantes, mas porque a condição dele (homem urbano) é a da mobilidade. Ele anda pela cidade, ele se muda de residência ou de classe e ele mesmo é versátil. É um ser em constante adaptação ao seu meio, território que ele nunca domina inteiramente.

A banca de jornal e revista ou os outros pontos capazes de criar as ambiências comunicacionais nas ruas instituem as possibilidades de relações diferenciadas com o espaço e o tempo urbano. A calçada destinada ao trânsito de pedestres torna-se um lugar

propício à parada, ao encontro com o outro. Uma parada na rua funciona como o núcleo de um átomo. Dela emana uma energia que atrai para si o que gravita em volta. O estranho que para ler uma notícia, ouvir uma pregação, espiar o homem da cobra, ou ouvir um discurso político não é mais totalmente estranho. Torna-se alguém que passa com a mesma pressa e é rapidamente apanhado na mesma teia. O espaço da banca, do ponto de ônibus, da praça é um espaço em constante transformação, subitamente, nas paradas, torna-se um espaço reconhecível.

A parada torna os homens lentos. Para Milton Santos, nas grandes cidades existem espacialidades e temporalidades que são hegemônicas convivendo com outras formas de viver o tempo e o espaço que lhes impõem resistência. Em particular, sua abordagem das diferentes formas como este tempo e espaço são ordenados em cidades do chamado Terceiro Mundo nos abre perspectivas interessantes. Ele nos fala das cidades dos países subdesenvolvidas como espaços derivados onde se associam lógicas externas e lógicas internas subordinadas. Essas são cidades críticas, arenas de conflitos. Se existe a tentativa de padronização tanto do tempo quanto do espaço urbano em função das atividades hegemônicas, existe também uma cidade que resiste à racionalidade funcional.

Segundo Santos(1996), desenvolveu-se ao longo do tempo a segregação do espaço urbano: são os espaços destinados às atividades hegemônicas, com funções precisas. Mas a cidade como um todo resiste a esta racionalidade funcional graças ao meio ambiente construído, retrato das diferenças de classes, de renda, de modelos culturais.

“À cidade informada e às vias de transporte e comunicação, aos espaços inteligentes que sustentam as atividades exigentes de infraestruturas e sequiosas de rápida mobilização, opõe-se a maior parte da aglomeração onde os tempos são lentos, adaptados às infraestruturas incompletas ou herdadas do passado, os espaços opacos que também aparecem como zona de resistência.” (SANTOS, 1996, p.79)

As paradas nas bancas, assim como outras paradas, são sempre o núcleo das possibilidades de comunicação. É a interrupção do fluxo, tão necessário para que a cidade capitalista funcione, que torna a cidade reconhecível e por isso mesmo habitável. A banca na calçada extrapola a função de colocar produtos em exposição para o consumo. Em torno dela, acontecem cotidianamente encontros com a cidade, seja pelo contato com as notícias do futebol, da política, da novela, dos crimes; seja pelo encontro

com o jornaleiro e com os outros freqüentadores; seja pela possibilidade de interromper o fluxo contínuo dos deslocamentos e fazer daquele um espaço diferenciado.

A banca como um atrator, potencialmente criador de ambiência comunicacional, tensiona as relações espaço-temporais que se dão na cidade. Além de forçar a interrupção do fluxo do deslocamento, ela exhibe as possibilidades de contato com os acontecimentos em outros lugares do mundo e em outros tempos. O material que ela abriga pode trazer um mundo distante espacial ou temporalmente para o cotidiano dos sujeitos que param ao seu redor para ler as manchetes dos jornais e das revistas expostas. Cacos de outras realidades moldadas para o consumo aqui e agora.

No fluxo da calçada, abre-se uma possibilidade de encontro que merece ser pensado em sua complexidade. Os sujeitos que transitam pelas ruas estão imersos na materialidade da cidade, seus cheiros, sons, barreiras, passagens e a multidão que povoa suas ruas. Ao mesmo tempo chega até eles um mundo na forma das novidades que a banca oferece. Se isto permite um transporte, um encurtamento de distâncias, qualquer um pode saber o que se passa em Brasília, no Rio de Janeiro ou do outro lado do planeta, na rua existe a força do aqui e agora que tensiona esta experiência.

Nas bancas entra-se em contato esta multiplicidade de fragmentos sobre realidades distantes sobre as quais só recebemos pequenos pedaços passivamente. Fica-se sabendo de acontecimentos cujas conseqüências no aqui e agora muitas vezes estão por demais distantes para que se possa pensar ou interferir. Mas chega a moda, a música, o filme. Recebe-se estímulos de um mundo externo, inatingível, somos reduzidos a meros espectadores. Porém, a novidade distante é apropriada e torna-se objeto da conversação da cidade. No aqui e agora eles penetram pela ambiência da banca e espalham-se pelas ruas.

“A banca é de grande importância porque nem todo mundo tem acesso a Internet e a banca é um modelo de Internet. Se você olhar atentamente a banca de jornal e revista é uma Internet. O que é Internet hoje? É uma concentração de informação e serviço. É a mesma coisa da banca. O que é Internet : são diversos terminais, que estão pulverizados nas diversas residências e empresas. Igual as bancas que estão pulverizadas nas diversas esquinas da cidade.”(jornaleiro-sindicato)

Potencialmente, a ligação seria feita pela imensa corrente humana que não cessa de circular pelas ruas da cidade. Porém, assim como acontece na rede mundial de computadores, o fato de existir ligações potenciais, não implica diretamente em comunicação. O espaço urbano em que as bancas se situam é fragmentado, não existe uma linha que conduza a um destino certo as conversações iniciadas em um ponto. Assim a comunicação das ruas não pode ser seguida com exatidão. Não se pode medi-la como impulsos que entram e saem de um sistema. As ambiências comunicacionais tornam-se pontos onde ela pode ser observada, sem que se tenha garantias da sua propagação. Alguns destes fragmentos vão flutuar ao longo do dia ou da semana, para depois cair no esquecimento.

Mas a forma comunicacional instaurada pela banca permanece como possibilidade para que uma imensa conversação tenha prosseguimento. Uma conversação entre anônimos, em permanente contato no cotidiano. Uma interlocução entre diferentes que se esbarram num espaço comum, e que, nestes pontos do espaço têm a possibilidade de estabelecer um diálogo com o cidade – este composto de tempo espaço - que compartilham. Nas ambiências pode-se dizer ou narrar a cidade, aí nasce o germe das possibilidades de interferir e participar da vida urbana.

As ambiências tornam-se portas de entrada para a vida urbana na perspectiva destes sujeitos que circulam cotidianamente por suas ruas. Se a possibilidade de participar mostra-se ilusória, pois os centros onde as grandes decisões são tomadas estão afastados das ruas, as ambiências tornam possíveis as pequenas apropriações cotidianas, aquelas que em constante interação com as grandes transformações conformam os lugares da cidade, tornando-os reconhecíveis. Esta participação pode ser mínima, molecular, se formos usar um termo de Deleuze e Guattari e pensar em micro-transformações dos lugares. A ambiência comunicacional da banca expõe as novidades. Ao colocá-las em circulação possibilita as interlocuções, movimentos de desterritorialização e reterritorialização que exercitam e recriam o cotidiano.

Estando na rua, a banca realiza o que outros dispositivos comunicacionais fazem no espaço privado. As trocas ali acontecem numa relação de co-presença com os outros,

conhecidos ou não, diferente por exemplo da relação de familiaridade e privacidade proporcionada pela TV. Na rua, as informações são consumidas no burburinho da cidade, marcadas por seus ritmos e afetadas por suas tensões. As relações na rua participam do estranhamento, do anonimato e do sentido de coletivo que esta provoca. A comunicação da banca acontece na paisagem e é contaminada por seu entorno. Os outros acontecimentos da paisagem atravessam a ambiência, conferindo características especiais ao tipo de comunicação que acontece ali.

A banca no tempo e os tempos na banca

A banca no primeiro contato parece um arquivo de novidades. A idéia soa paradoxal? Novidades podem ser organizadas e armazenadas? Elas não envelhecem quase que instantaneamente, quando são consumidas para serem substituídas por outras ainda mais novas? No entanto, apesar de todas estas objeções a banca representa um artefato de armazenar tempos. Se a atualidade é seu carro-chefe, outras formas de viver o tempo vão surgindo à medida que nosso olhar se detem sobre ela.

A banca é um lugar onde fragmentos de tempos são roubados ao fluxo constante que move a metrópole contemporânea. Os homens que param nela para ler as manchetes tornam mais lenta a vertigem da cidade e abrem espaço para a conversa sobre o futebol, a política, a moça bonita. A funcionalidade da informação que deve circular rápido – a informação move o mundo - torna-se o motivo para se demorar mais no trajeto, para matar o tempo com uma conversa.

A banca também acumula fragmentos de tempos passados, na forma de publicações já lidas, exemplares antigos. É a revista antiga que vale mais do que a nova. São revistas e livretos lidos que passam de mão em mão e retornam ao jornaleiro para continuar circulando.

A banca fornece a conversa do dia na forma destes fragmentos dos acontecimentos atuais que são as notícias. Circulam pela cidade, criando, através do tempo de agora, vínculos que são reconhecíveis por todos. Quem não ouviu falar de um bebê encontrado na Lagoa da Pampulha, no acidente com o avião da Gol? Sejam próximos ou distantes,



saber falar sobre estes acontecimentos revela-se como uma prática da cidade. Estes pequenos fragmentos organizam a experiência: possibilitam uma apropriação do tempo e uma articulação entre os espaços da cidade que se fragmentam e parecem não se comunicar.

A banca marca o tempo, ritmando-o. São os eventos sazonais que incidem sobre o seu funcionamento. As formas de frequência reguladas pelo ritmo das jornadas de trabalho, pelos dias que se seguem aos jogos de futebol, os dias melhores para se olhar os classificados nos jornais, o fim-de semana, quando se tem tempo para ler os jornais e revistas, o início do mês quando o salário ainda dá para se comprar nas bancas.

A articulação destes tempos, que as interações na banca realizam, são arranjos que integram a experiência na cidade e, portanto, participam da construção das mediações que nos permitem habitar, viver, nos posicionar, reconhecer e sermos reconhecidos na cidade. Territorializam. São os ritmos sociais de que nos fala Alain Tarrus (2000). As interações nas bancas podem ser identificadas como práticas coletivas generalizadas em uma cidade ou específicas de uma parte da população; expressões justapostas, ocorrendo em tempos diversos em um mesmo espaço. Expressões do que o autor chamou de territórios circulantes.

Por fim a banca articula a memória de um passado, no qual ela era uma das principais portas de entrada das novidades na vida da cidade, com a expectativa da decadência da atividade, que jornalheiros e leitores pressentem para o futuro. Na visão destes sujeitos, a banca vai se tornar obsoleta, assim como as notícias que ela estampa diariamente se tornam no dia seguinte.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. Infância e História – Destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____. A comunidade que vem. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

CAIAFA, Janice. Jornadas Urbanas.- Exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2002.

CANCLINI, Néstor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CASTRO, Maria Céres P. S. Na tessitura da cena a vida – Sociabilidade política e comunicação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Davis, Mike. O Planeta Favela. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006

DELEUZE, Giles e GUATTARI, Felix. O Anti-édipo, capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia.* São Paulo: Ed. 34, 1997.

GUATTARI, Félix. Caosmose – um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HAESBAERT, Rogério. Territórios Alternativos. São Paulo: Contexto, 2002.

JEUDY, Henri-Pierre. Espelho das cidades. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

JOSEPH, Isaac. El transeunte y el espacio urbano. Buenos Aires: Gedisa Editorial, 1988.

LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. O direito à cidade. São Paulo: Documentos, 1969

_____. Espaço e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MASSEY, Doreen. La filosofía y la política de la espacialidad: algunas consideraciones. IN: ARTUCH, Leonor. Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias. Buenos Aires: Paidós, 2005.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

_____. Técnica, Espaço e Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

_____. A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

Tarde, Gabriel. A Opinião e as Massas. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Monadologia e sociologia e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2007

TARRIUS, Alain. Leer, describir, interpretar – Las circulaciones migratorias: conveniencias de la noción de “territorio circulatorio”. Los nuevos hábitos de la identidad. Relaciones 83, Verano 2000, vol. XXI.